

O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos*

Arthur Alfaix Assis

Sérgio da Mata

O profundo processo de reconfiguração vivido pela história dos conceitos a partir de meados do século XX foi motivado, em larga medida, pelo desejo daqueles que a ela se dedicavam de construir uma alternativa à antiga história das ideias. Meio século depois de iniciados os primeiros grandes empreendimentos na Alemanha, não há quem ignore a grandiosidade dos resultados obtidos e a virtual globalização desse gênero de pesquisa histórica e de historiografia. Chega-se, assim, como é natural, ao momento em que são produzidos os primeiros retratos retrospectivos, os primeiros esboços de um gênero que, na ausência de melhor palavra, se poderia chamar “história da história dos conceitos”. De modo algo embaraçoso, porém, a história da história dos conceitos talvez esteja condenada a se colocar muito mais nas proximidades da história das ideias e dos intelectuais que da disciplina que toma por objeto. Ela deve situar e reconstruir trajetórias individuais, constelações intelectuais e um

* Os autores deste prefácio, bem como o tradutor, gostariam de expressar sua gratidão para com o Prof. Temístocles Américo Corrêa Cezar (UFRGS) e a Profa. Eliana Regina de Freitas Dutra (UFMG) pelo entusiasmo com que incentivaram e abraçaram, desde o início, a realização deste projeto editorial.

Arthur Alfaix Assis é doutor pela Universidade de Witten (2009) e professor de Teoria e Metodologia da História na Universidade de Brasília. Especialista em Teoria da história e História do pensamento histórico, com ênfase em temas e autores alemães do século XIX, publicou, entre outros, *A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução* (Ed. UFG, 2010) e *What is History for? Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography* (Berghahn, no prelo).

Sérgio da Mata doutorou-se em história pela Universität zu Köln em 2002. Professor de Teoria e Metodologia da História na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), foi pesquisador convidado do Instituto Max Weber para Ciências da Cultura e Ciências Sociais da Universität Erfurt (2008) e bolsista da Fundação Alexander von Humboldt (2009–2010). É autor dos livros *Chão de Deus* (Wissenschaftliche Verlag Berlin, 2002), *História & religião* (Autêntica, 2010) e *A fascinação weberiana* (Fino Traço, 2013).

jogo altamente complexo de interconexões disciplinares, teóricas e mesmo políticas. Numa palavra: o aparato teórico-metodológico e os problemas perseguidos pela história da história dos conceitos não se confundem com os da história dos conceitos. Se uma persegue as mutações de termos e significados em sua relação com o invólucro sociocultural, a outra se ocupa com os atores sociais e suas respectivas ideias e práticas científicas, assim como os grupos e instituições em torno dos quais se organizam. Se numa o sujeito eventualmente não é personagem principal, na outra ele faz toda a diferença. Se uma ainda não logrou estabelecer um amplo consenso a respeito do que é o seu objeto, na outra tal dificuldade nem sequer se apresenta. Caso seja verdade que todo confronto com o próprio passado traz consigo um ganho de reflexividade, o lento surgimento de uma *Geschichte der Begriffsgeschichte* poderá significar um ganho substancial não apenas para a história das ideias e da historiografia, devendo se estender à própria *Begriffsgeschichte*.

I.

Ao contrário do que muitas vezes acontece com o estudo de manuscritos antigos e medievais, na interpretação histórica de textos contemporâneos as questões relativas à atribuição de autoria costumam ser ponto pacífico. Mas esse não é exatamente o caso do texto que queremos aqui apresentar. Formalmente falando, trata-se de um verbete de obra de referência. Cada uma das suas quatro grandes seções possui um autor individual: Christian Meier (1929), especialista em culturas políticas da Antiguidade clássica; Odilo Engels (1928-2012), medievalista especializado em história da Espanha e na dinastia dos Hohenstaufen; Horst Günther (1945), filósofo e conhecedor das modernas teorias políticas e filosofias da história; além de Reinhart Koselleck (1923-2006), historiador que se dedicou ao estudo da trajetória dos conceitos formadores da linguagem político-social moderna e contemporânea. Ao “usuário” do texto resta decidir se este verbete deve ser referenciado como um único trabalho escrito por quatro autores, ou se, antes, cada uma das suas partes deve contar como uma entrada individual.

“*Geschichte, Historie*” – é este o título original do verbete que ora se apresenta pela primeira vez, em sua extensão integral, ao leitor brasileiro. Trata-se dos dois termos alemães que equivalem à palavra portuguesa “história”. E é precisamente uma excelente história do conceito de história o que o conjunto dos textos dos quatro autores nos oferece. O seu fio condutor é a transformação que prepara a rede de significados característica da moderna utilização desse termo. A palavra história, cujo primeiro registro conhecido remonta a Heródoto, no século V a.C., é um patrimônio de diferentes culturas ocidentais, que há quase 2.500 anos é cultivado, expandido e ressignificado. O verbete acompanha de perto essa longa trajetória, analisando os usos do termo e as concepções de história vigentes na Antiguidade clássica, os rearranjos semânticos decorrentes da absorção do termo no horizonte cultural cristão, os diferentes gêneros historiográficos medievais, as reconfigurações do pensamento histórico sob os influxos do Renascimento e da Reforma, entre diversos outros temas.

O argumento conflui para um exame da gestação do moderno conceito de história, o que se teria dado entre 1750 e 1850, período que Koselleck já havia caracterizado como a *Sattel-Zeit*, a era da passagem.¹ Por essa altura, Iluminismo, ascensão social da burguesia e industrialização se combinam para, a partir do espaço cultural alemão, estimular uma alteração sem precedentes no significado dos diversos conceitos políticos fundamentais a partir dos quais se organizava a experiência no mundo ocidental.² Dessas transformações históricas não escapa o próprio conceito de história. Antes utilizado predominantemente ou na forma plural (“as histórias”) ou como indicador

¹ KOSELLECK, Reinhart. *Richtlinien für das Lexikon politisch-sozialer Begriffe der Neuzeit. Archiv für Begriffsgeschichte*, vol. 11, p. 88-99, 1967 (cit. p. 82). No Brasil e em outros países, difundiu-se a tradução nada evocativa “tempo de sela”. De fato, *Sattel* significa literalmente “sela”, mas o termo cunhado por Koselleck também se associa a *Bergsattel*, que se poderia traduzir por “passo de montanha”, “colo”, “porto” ou “portela”. Trata-se justamente de uma palavra que remete ao terreno, em região montanhosa, situado entre duas elevações e que serve de passagem de uma à outra. O próprio Koselleck esclarece o significado do termo, ao mesmo tempo que chama a atenção para as suas limitações enquanto conceito organizador da interpretação histórica do mundo moderno. Cf. Reinhart Koselleck, Javier Fernández Sebastián & Juan Francisco Fuentes. Entrevista com Reinhart Koselleck. In: JASMIN, Marcelo; FERES JR., João (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, p. 135-169 (cit. p. 102).

² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 101.

de relatos particulares, o termo história ganha, à luz da experiência moderna, um grau de abstração e generalidade tão elevado que passa a ser capaz de se referir a todas as histórias particulares possíveis. Em consequência disso, na variante alemã do moderno conceito de história passa a predominar a forma singular *Geschichte* em lugar da flexão plural *die Geschichte(n)*. É a tal circunstância que se refere a categoria gramatical “singular-coletivo” (*Kollektivsingular*), com que o verbete qualifica o novo conceito de história. Paralelamente, a generalidade do conceito também é reforçada em decorrência de uma outra transformação semântica, através da qual o termo *Geschichte* passa a absorver os significados anteriormente reservados ao termo de origem latina *Historie*, que desde a Idade Média tendia a ser associado primariamente à narrativa de acontecimentos e não aos acontecimentos propriamente ditos. No moderno campo semântico do termo *Geschichte* se encontra, por isso, tanto a noção de história como realidade ou síntese do processo de constituição do mundo humano, quanto a referência à história como forma de conhecimento do passado dos seres humanos, isto é, como historiografia.³

O verbete foi escrito no contexto de um dos projetos de pesquisa coletivos que mais fortemente marcou a cena historiográfica alemã da segunda metade do século XX, os *Conceitos históricos fundamentais: Léxico histórico da linguagem político-social na Alemanha*.⁴ Editado entre 1972 e 1997 pelo próprio Koselleck em parceria com outros dois importantes historiadores, Otto Brunner e Werner Conze, o léxico abrigaria no seu segundo volume o verbete sobre o conceito de história.

Quando da publicação do verbete de Meier, Engels, Günther e Koselleck em 1975, já não era inédita a tese central de que a ideia

³ Anteriormente ao verbete dos *Geschichtliche Grundbegriffe*, tanto a caracterização do moderno conceito de história como um termo “singular-coletivo” quanto a tese da absorção dos significados do termo *Historie* pelo termo *Geschichte* já haviam aparecido num famoso ensaio de autoria de Koselleck, publicado pela primeira vez em 1967. Ver: KOSELLECK, Reinhart. *Historia magistra vitae. Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento*. In: *Futuro passado*, op. cit., p. 41-60.

⁴ BRUNNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLECK, Reinhart. *Geschichtliche Grundbegriffe. Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland*, 8 vols, Stuttgart: Klett-Cotta, 1972-1997; HOFFMANN, Stefan-Ludwig. Reinhart Koselleck (1923-2006): The Conceptual Historian. *German History*, v. 24, n. 3, p. 475-478, 2006 (cit. p. 476).

de história e a prática da historiografia passaram por transformações fundamentais entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Na verdade, nos anos 1820, Hegel, na introdução à sua *Filosofia da história*, já falava na então contemporânea transição da “história refletida” para a “história universal filosófica”, cujo fundador seria ele próprio.⁵ No influente *Manual do método histórico*, de Ernst Bernheim, publicado pela primeira vez em 1889, sugere-se que a transição de uma concepção “pragmática ou instrutiva (*lehrhaft*)” de história para uma história “genética ou evolutiva (*entwickelnd*)” só há pouco se havia consolidado, com a adesão a esta por parte da imensa maioria dos grandes representantes da ciência histórica alemã oitocentista.⁶ Em 1936, Friedrich Meinecke destacava que por volta do final do século XVIII teria se dado “uma das maiores revoluções espirituais” já vivenciadas pelo pensamento ocidental.⁷ A lista de registros poderia ser estendida, mas será suficiente para ilustrar a preexistência da percepção de que, ao menos no espaço cultural alemão, modificações no conceito de história similares às descritas no verbete tiveram lugar ao início do que chamamos de Idade Contemporânea. Ainda assim é importante sublinhar a originalidade das interpretações de Koselleck acerca da modernização do conceito de história, que são marcadas pela preocupação em entrecruzar contextos intelectuais, políticos e sociais; pela distribuição bem balanceada de atenção analítica entre os grandes e os não tão grandes autores que lhe servem de fonte; bem como pelo emprego inovador de dicionários e enciclopédias, antes largamente ignorados na história das ideias.⁸

⁵ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: Ed. UnB, 1999 p. 13-21.

⁶ BERNHEIM, Ernst. *Handbuch der historischen Methode*, 1. Aufl. Leipzig: Duncker und Humblot, 1889 p. 15-21.

⁷ MEINECKE, Friedrich. *El historicismo y su genesis*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943, p. 11.

⁸ Desde meados da década de 1950, Hans Freyer insistia nesta ampliação do repertório das fontes. Ele se queixava da história das ideias que “geralmente se detém muito em grandes obras que, de fato, são representativas mas que se elevam muito acima das cabeças”. Freyer toma como exemplo a ser seguido o estudo de 1927 de Bernhard Groethuysen, sobre a formação da visão de mundo burguesa na França, e que ele caracteriza como uma “história do espírito anônimo” baseada em “sermões, livros didáticos, cartas, literatura recreativa, documentos do cotidiano casualmente obtidos”. FREYER, Hans. *Teoria da época atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, p. 74.

Salta aos olhos, em todo caso, que o segmento moderno da história do conceito de história parte de uma perspectiva alemã destes problemas, o que não é de espantar, posto que o verbete se insere numa obra de referência dedicada a dar conta da história da linguagem sociopolítica no espaço cultural alemão. Recentemente, tal orientação deu azo ao surgimento de uma consistente crítica à tese-chave de que nas décadas finais do século XVIII o conceito de história teria ganhado a forma de um singular-coletivo, com a absorção pelo termo germânico *Geschichte* das principais camadas de significado relacionáveis ao termo história. Uma importante matriz dessa crítica é a demonstração feita por Jan Marco Sawilla de que no espaço linguístico francês o termo *histoire* já era, no último terço do século XVII, comumente mobilizado na forma singular para conotar, às vezes até mesmo simultaneamente, tanto o conhecimento histórico como a realidade dos acontecimentos passados. Com base em citações de autores como Jean Bossuet, Jean Racine, Saint-Réal e Fontenelle, Sawilla busca refutar a interpretação de Koselleck de que o velho conceito de história teria adquirido o caráter de um conceito coletivo-singular apenas no bojo das transformações da *Sattelzeit*.⁹ A partir desses e de outros argumentos, Sawilla sugere que os elos entre a história da palavra história e a história da ideia de história, tão bem amarrados no texto de Koselleck, “precisam ser desfeitos”.¹⁰

Decerto, a crítica de Sawilla coloca em questão um aspecto importante da tese de Koselleck, nomeadamente, o de que a língua alemã teria sido pioneira na disponibilização de um conceito coletivo-singular de história. Mas aqui seria sem dúvida apressado deitar fora o bebê junto com a água do banho e simplesmente afirmar que a tese central do verbete não mais dispõe de potencial explicativo. Afinal de contas, continua, hoje como ontem, sendo inegável que

⁹ SAWILLA, Jan Marco. ‘Geschichte’: Ein Produkt der deutschen Aufklärung? Eine Kritik an Reinhart Kosellecks Begriff des ‘Kollektivsingulars Geschichte’. *Zeitschrift für historische Forschung*, v. 31, p. 381-428, 2004 (cit. p. 388-394).

¹⁰ SAWILLA, Jan Marco, ‘Geschichte’: Ein Produkt der deutschen Aufklärung?, p. 419. Ver também: SAWILLA, Jan Marco. *Geschichte und Geschichten zwischen Providenz und Machbarkeit. Überlegungen zu Reinhart Kosellecks Semantik historischer Zeiten*. In: JOAS, Hans; VOGT, Peter (Hrsg.) *Begriffene Geschichte*. Beiträge zum Werk Reinhart Kosellecks. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011, p. 387-422.

ao longo do século XVIII mudanças fundamentais ocorreram nas formas de experiência e representação do tempo. Tais mudanças, evocadas pela palavra-chave “temporalização” (*Verzeitlichung*), se relacionam, por exemplo, à crescente disjunção entre experiências e expectativas alimentada pela difusão da percepção da aceleração do tempo; à abertura do futuro, dantes fechado nos quadros de uma concepção escatológica de história; ao reconhecimento da natureza perspectivística da apreensão da experiência; à ênfase no caráter individual dos sujeitos históricos; à admissão da “produtibilidade” (*Machbarkeit*) do processo histórico; ao enfraquecimento do padrão exemplar de justificação da historiografia.¹¹ Todos esses e muitos outros processos são muito bem apresentados e analisados no verbete, e com uma abrangência e profundidade que, parece-nos, ainda não têm rival na literatura especializada.

II.

Projetos coletivos das dimensões do léxico dos conceitos políticos só podem ser realizados com uma incomum disposição para o trabalho em conjunto, abdicando os envolvidos de veleidades “autorais”.¹² Isso não significa que na confecção de cada um dos

¹¹ JUNG, Theo. *Zeichen des Verfalls*. Semantische Studien zur Entstehung der Kulturkritik im 18. und frühen 19. Jahrhundert. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012, p. 68; STOCKHORST, Stefanie. Novus ordo temporum. Reinhart Kosellecks These von der Verzeitlichung des Geschichtsbewußtseins durch die Aufklärungshistoriographie in methodenkritischer Perspektive. In: JOAS; VOGT (Hrsg.) *Begriffene Geschichte*, op. cit., p. 359-386 (cit. p. 379); FULDA, Daniel. Rex ex historia. Komödienzeit und verzeitlichte Zeit in ‘Minna von Barnhelm’. *Das achtzehnte Jahrhundert*, v. 30, n. 2, p. 179-192, 2006 (cit. p. 182): “Von Sawillas Kritik betroffen ist nicht die Temporalisierungsthese insgesamt, sondern ‘nur’ ihre Stützung durch Kosellecks Kollektivsingular ‘Geschichte’”.

¹² Um depoimento do sociólogo francês Julien Freund, por ocasião do aparecimento do primeiro volume do léxico, nos dá uma vaga ideia do *modus operandi* estabelecido pelos editores. Depois de presenciar algumas das reuniões de trabalho do grupo na Alemanha, Freund escreve que com os pesquisadores encarregados de redigir o verbete *Poder* “estavam reunidos historiadores, sociólogos, filósofos, economistas, juristas, cientistas políticos, teólogos, etc. (cerca de vinte e cinco pessoas). [...] Seguiu-se um grande debate e uma confrontação que podia se basear, na maior parte, em um volumoso dossiê composto de trechos fotocopiados de dicionários latinos, alemães, ingleses, franceses, italianos, etc., e que tratava do conceito do século XVI a nossos dias. Assim, foram reuniões de trabalho em equipe que permitiram ao autor designado para o verbete obter o maior número possível de dados eruditos, literários e científicos”. FREUND, Julien. Compte rendue de ‘Geschichtliche Grundbegriffe’. *Revue Française de Sociologie*, v. 15, n. 2, p. 287-289, 1974 (aqui p. 287-288).

verbetes as preferências e opções individuais tenham sido simplesmente eliminadas, nem que na distribuição das tarefas executadas pelos editores-chefes tenha havido um perfeito equilíbrio. Se é a Koselleck, indiscutivelmente, que se deve atribuir centralidade na concepção geral dos *Geschichtliche Grundbegriffe*, inúmeros comentaristas têm sido levados, porém, a ignorar a real importância de Otto Brunner e Werner Conze. Ocupemo-nos agora com algumas das razões que levaram estes dois historiadores a dividir a editoria do léxico com Koselleck e com a influência por eles exercida sobre a arquitetura geral do projeto.

Dos três, Brunner era, no começo da década de 1970, o mais conhecido. O já septuagenário medievalista austríaco não assumiu praticamente nenhuma tarefa organizacional importante na edição do léxico, tendo aportado um único verbete: “Feudalismo”.¹³ Se essa muito modesta participação se deveu à idade, a alguma idiosincrasia pessoal ou a um possível constrangimento de natureza política, é uma questão ainda em aberto. Em todo caso, a importância de Brunner se dá em outro plano. Seu livro *Terra e dominação* (1939) é um clássico da moderna história dos conceitos e pode talvez ser considerado uma das primeiras tentativas bem-sucedidas de se incorporar o pensamento político-jurídico de Carl Schmitt à historiografia. À inovação teórica e metodológica assim promovida se liga, porém, e de forma indissociável, uma inegável *Belastung* política. Sabe-se que desde 1937 Brunner estava entre os que acreditavam no advento de uma “nova realidade” na Alemanha após a ascensão do nacional-socialismo. Em consonância com Schmitt, ele constatava o esgotamento dos conceitos fundamentais até então vigentes.¹⁴ Essa convicção é projetada em *Terra e dominação*, onde se afirma que o aparato conceitual do século XIX deveria ser “destruído” porque

¹³ Dentre os autores que escreveram verbetes para o léxico, apenas vinte contribuíram com mais de 100 páginas. A lista é encabeçada por Conze e Koselleck (nesta ordem). DIPPER, Christof. Die ‘Geschichtliche Grundbegriffe’. Von der Begriffsgeschichte zur Theorie der historischen Zeiten. In: JOAS; VOGT (Hrsg.) *Begriffene Geschichte*, op. cit., p. 297.

¹⁴ O *topos* da “nova realidade” é analisado por OEXLE, Otto Gerhard. Wirklichkeit – Krise der Wirklichkeit – Neue Wirklichkeit. Deutungsmuster und Paradigmenkämpfe in der deutschen Wissenschaft vor und nach 1933. In: HAUSMANN, Frank-Rutger (Hrsg.) *Die Rolle der Geisteswissenschaften im Dritten Reich 1933-1945*. München: Oldenburg, 2002, p. 1-20.

não se prestava fosse ao entendimento do presente, fosse ao das instituições jurídicas e sociais da Idade Média.

Nesse sentido, foi particularmente influente para o léxico a sua tese a respeito de uma transição epocal na história do continente europeu. O conceito de “nova Europa” ganhara força no âmbito do pensamento nacional-socialista. Brunner adere a ela, desenvolvendo, por oposição, a noção de “antiga Europa”: nada menos o espaço de tempo que se estende de Homero a Goethe. Brunner propõe, assim, um esquema evolutivo tripartite: “antiga Europa”, “era limítrofe” (*Schwellenzeit*) e “sociedade moderna”. Reinhard Blänkner acredita ser essa a concepção de fundo do léxico: “sem a antiga Europa de Brunner [...] nem a *Sattelzeit*, nem o léxico *Geschichtliche Grundbegriffe* poderiam ser pensados”.¹⁵

Ao lado de Koselleck, o grande animador do léxico de conceitos fundamentais é Werner Conze. Personalidade admirada por amigos e alunos, Conze vinha de uma família do chamado *Bildungsbürgertum* – o segmento da burguesia alemã mais diretamente afeto à educação e à cultura. Seu avô, o arqueólogo Alexander Conze, tinha sido aluno de Leopold von Ranke. Como Koselleck, Conze lutou e foi ferido na Segunda Guerra mundial. Ambos tinham ainda em comum seu ceticismo em relação à função emancipatória que a geração do maio de 1968 atribuía à ciência histórica. Para Conze a grande ruptura moderna se dera com o aparecimento de uma cesura e uma crescente polarização entre Estado e sociedade a partir de fins do século XVIII. Até então, um não se dissociava nitidamente do outro. Com a *Schwellenzeit*,

¹⁵ Freyer empregou o neologismo *Zeitschwelle*, praticamente idêntico à *Schwellenzeit* de Brunner. Infelizmente não nos foi possível verificar qual dos dois autores teve precedência nesse caso. Cf. BLÄNKNER, Reinhard. Begriffsgeschichte in der Geschichtswissenschaft. Otto Brunner und die Geschichtliche Grundbegriffe. *Forum Interdisziplinäre Begriffsgeschichte*, v. 1, n. 2, p. 101-107, 2012 (cit. p. 106); SCHULZE, Winfried. German historiography from the 1930 to the 1950's. In: LEHMANN, Hartmut; MELTON, James (eds.) *Paths of continuity*. Central european historiography from the 1930's to the 1950's. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 40. Na introdução ao primeiro volume do léxico, Koselleck afirma que o objetivo ali perseguido era o de investigar o “desaparecimento do mundo antigo e o surgimento do mundo moderno”. KOSELLECK, Reinhart. Einleitung. In: BRUNNER, Otto, CONZE, Werner; KOSELLECK Reinhart. (Hrsg.) *Geschichtliche Grundbegriffe*: Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland, v. 1. Stuttgart: Klett-Cotta, 2004, p. xvi.

surge a “sociedade”. Conze pretendia compensar analiticamente essa divisão ao promover uma aproximação radical entre ciência histórica e sociologia.

Sua carreira se inicia na chamada *Ostforschung*, campo de pesquisas dedicado ao leste europeu e sobre o qual pairou, por muito tempo, a pecha de ser uma espécie de ciência auxiliar do expansionismo alemão. Estuda sociologia em Leipzig, tendo como mestres o historiador Hans Rothfels e os sociólogos Hans Freyer e Gunther Ipsen.¹⁶ Conze se tornou assistente de Ipsen e escreve seu doutorado sobre uma comunidade de língua alemã na Livônia. Depois de aprender russo e polonês, prepara sua tese de acesso à cátedra (*Habilitation*) sobre a estrutura agrária e populacional da Lituânia e Bielorrússia. Esses trabalhos não acompanham a tradição de alta contaminação ideológica e geopolítica da *Ostforschung*. Em 1938 Conze chega a ter um artigo vetado pela *Zeitschrift für Volkskunde* porque havia sido demasiado isento em suas análises.¹⁷ Mesmo num ambiente intelectual pouco favorável, ele se abriu à influência da sociologia norte-americana e posteriormente à obra de Fernand Braudel. Em 1965 funda o Grupo de Trabalho em História Social Moderna, no qual Koselleck tomará parte entre 1960 e 1965. Tendo marcado época na historiografia alemã do pós-guerra, esse grupo publica nada menos que 43 livros entre 1962 e 1986. A primeira incursão de Conze pela história dos conceitos se dera antes, num artigo de 1954: “Vom ‘Pöbel’ zum ‘Proletariat’”, em que mostra quais processos sociais estão por detrás da gradual substituição do termo “ralé” (*Pöbel*) pelo de “proletariado”. A história dos conceitos abre para Conze um acesso novo ao estudo da dinâmica histórico-social; ela possibilita um controle lexical que, com o auxílio da hermenêutica, deveria fundamentar historicamente a análise científico-social. Koselleck viu nesse estudo de Conze uma verdadeira “obra de mestre”.

¹⁶ Três nomes que Koselleck classificou como “conservadores e nacionalistas”. KOSELLECK, Reinhart. *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2010, p. 324.

¹⁷ SCHIEDER, Wolfgang. Sozialgeschichte zwischen Soziologie und Geschichte. Das wissenschaftliche Lebenswerk Werner Conzes. *Geschichte und Gesellschaft*, v. 13, n. 2, p. 244-266, 1987 (p. 254).

É com razão que se costuma sublinhar a ascendência da sociologia dos conceitos de Carl Schmitt sobre os editores do léxico.¹⁸ Curiosamente, pouco tem sido escrito fora da Alemanha sobre uma figura não menos influente que Schmitt naquele contexto – o já citado Hans Freyer. Da obra desse brilhante sociólogo e historiador, Brunner assimilou o princípio segundo o qual os conceitos usados por um campo do conhecimento sempre estão “historicamente impregnados”, de que “mesmo os conceitos mais gerais [...] têm em si este elemento histórico”. De suma importância para Conze foi a tese de Freyer (desenvolvida em obras da década de 1930 e 1950) a respeito do surgimento moderno da oposição entre Estado e sociedade, assim como da “ruptura histórico-universal de primeira grandeza” ocorrida na passagem entre os séculos XVIII-XIX.¹⁹ Apontado por Winfried Schulze como um dos mais influentes livros alemães da década de 1950, a *Teoria da época atual* (1955) de Freyer foi adotado por Conze como o ponto de partida dos trabalhos do Grupo de Trabalho em História Social Moderna. Nessa obra, Freyer subscreve inteiramente a visão de Karl Löwith sobre a filosofia da história como uma forma de escatologia secularizada, e que sabemos ter exercido forte influência sobre Koselleck.²⁰

Não resta dúvida, contudo, de que foi Reinhart Koselleck o grande propulsor do empreendimento de organização do léxico de história dos conceitos na Alemanha ao qual o texto do verbete “Geschichte, Historie” foi originalmente destinado. Por isso, será importante considerar, com especial atenção, a sua trajetória biográfica e acadêmica.

Segundo o próprio testemunho, Koselleck cresceu num contexto familiar em que se valorizavam a leitura, a música, as visitas

¹⁸ As linhas básicas de tal abordagem foram desenhadas ainda na década de 1920. Cf. SCHMITT, Carl. *Teologia política*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 42-43.

¹⁹ FREYER, Hans. *La sociología, ciencia de la realidad*. Buenos Aires, 1944, p. 23, 108; FREYER, *Teoria da época atual*, p. 73.

²⁰ SCHULZE, Winfried. *Deutsche Geschichtswissenschaft nach 1945*. München: DTV, 1993, p. 295-297. A importância da visão de Löwith para Koselleck e as dificuldades daí resultantes são analisadas por JOAS, Hans. Die Kontingenz der Säkularisierung. Überlegungen zum Problem der Säkularisierung im Werk Reinhart Kosellecks. In: JOAS; VOGT (Hrsg.) *Begriffene Geschichte*, op. cit., p. 319-338. Ver também: OLSEN. *History in the Plural*. An Introduction to the Work of Reinhart Koselleck. New York: Berghahn, 2012, p. 21-23.

a museus, a escrita de cartas. O seu pai foi professor ginásial e de instituições de formação de professores. A mãe, de abastada família burguesa de origem hugenote, fez estudos superiores em francês, história e geografia, além de ter se formado como violinista de concerto. Nascido em 1923, Koselleck não escaparia de vivenciar diretamente a II Guerra Mundial. Foi recrutado para a artilharia do exército nacional-socialista em maio de 1941 e enviado para a frente leste de batalha, mas um pequeno acidente na marcha para Stalingrado ensejou a sua transferência para operações de suporte na Alemanha e na França. Em maio de 1945, foi capturado pelo exército soviético e, depois de um curto período de trabalho na desmontagem de instalações da planta da IG-Farben nos arredores do campo de concentração de Auschwitz, foi enviado para um *Gulag* no Cazaquistão, de onde escaparia, depois de 15 meses, com a ajuda de um médico que fora amigo de um dos seus tios-avôs. Koselleck teve a vida fortemente marcada pela experiência da guerra e da derrocada da Alemanha em 1945. O seu irmão mais velho morreu em combate, enquanto o mais novo faleceu em decorrência de um bombardeio. Uma de suas tias, que sofria de esquizofrenia, foi vítima do programa nacional-socialista de eutanásia.²¹

Com essa dupla bagagem fornecida pelo universo cultural da burguesia educada e pela experiência da guerra e da prisão Koselleck iniciaria os seus estudos em 1947, aos 24 anos, na Universidade de Heidelberg. Frequentou cursos de importantes figuras da vida acadêmica de então, tais como o sociólogo Alfred Weber, o jurista Ernst Forsthoff, o médico Viktor von Weizsäcker, os filósofos Hans-Georg Gadamer, Karl Jaspers e Karl Löwith e os historiadores Johannes Kühn e Hans Rothfels. Contudo, a principal influência sobre o jovem Koselleck não seria exercida por nenhum desses professores; ao contrário, por um acadêmico que no contexto da desnazificação operada imediatamente após

²¹ KOSELLECK, Reinhart; HETTLING, Manfred; ULRICH, Bernd. Formen der Bürgerlichkeit. Ein Gespräch mit Reinhart Koselleck. In: HETTLING, Manfred; ULRICH, Bernd (Hrsg.) *Bürgertum nach 1945*. Hamburg: Hamburger Edition, 2005, p. 40-60 (cit. p. 46-52); OLSEN, Niklas. *History in the Plural*, op. cit., p. 10-16; MEYER, Christian. Gedenkrede auf Reinhart Koselleck. In: BULST, Neithard; STEINMETZ, Willibald (Hrsg.). *Reinhart Koselleck 1923-2006*. Reden zur Gedenkfeier am 24. Mai 2006. Bielefeld, 2006, p. 7-34 (cit. p. 11-12).

a queda do *III Reich* havia se tornado “maldito”, o jurista Carl Schmitt.²² É com a *persona* de Schmitt e com o diagnóstico do mundo político do século XX por ele desenvolvido que se trava o grande diálogo intelectual que estruturou a tese de doutorado defendida por Koselleck em outubro de 1953 e intitulada *Crítica e crise: um estudo sobre a patogênese do mundo burguês*.²³

Esse trabalho é muito mais do que uma erudita e desinteressada investigação do pensamento político moderno com foco no desenvolvimento da crítica iluminista à ordem absolutista. É também, na expressão do próprio Koselleck, uma tentativa de “explicar a formação da utopia com a qual a sociedade burguesa se rompe”.²⁴ Trata, assim, tanto do passado setecentista quanto do cenário presente que se desenhou com o final da II Guerra Mundial. Partindo de postulados teóricos desenvolvidos por Carl Schmitt – como os de que a soberania é o poder de decidir sobre o que constitui o caso excepcional e de que a política é uma arena marcada por um eterno conflito que não pode ser anulado pela supressão do inimigo, Koselleck pretende chamar a atenção para a nocividade dos conceitos estruturantes das ideologias políticas modernas. A sua crítica incide não somente sobre o nacional-socialismo, mas também sobre os dois polos ideológicos da então emergente Guerra Fria: liberalismo e comunismo. Para Koselleck, a vulnerabilidade propiciada pela afirmação de todos esses “-ismos” configura uma crise política de difícil resolução. Tal crise seria o desdobramento de uma maneira utópica e moralizante de lidar com as coisas políticas, iniciada com a crítica política no contexto do Iluminismo e cristalizada nas modernas filosofias substantivas da história. No diagnóstico schmittiano assimilado por Koselleck, liberalismo, comunismo e nacional-socialismo seriam

²² Schmitt atuou, na prática, como um orientador da tese doutoral de Koselleck, ainda que formalmente a orientação tenha sido assumida por Johannes Kühn. Sobre a relação entre Koselleck e Schmitt, ver: MEHRING, Reinhard. *Begriffsgeschichte mit Carl Schmitt*. In: JOAS; VOGT, (Hrsg.) *Begriffene Geschichte*, op. cit.; OLSEN, Niklas. *Carl Schmitt, Reinhart Koselleck and the Foundations of History and Politics*. *History of European Ideas*, n. 37, p. 197-208, 2011.

²³ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 1999.

²⁴ KOSELLECK; HETTLING; ULRICH, *Formen der Bürgerlichkeit*, op. cit., p. 54.

os frutos diretos do utopismo iluminista; donde a importância de se estudar este para se compreender aqueles.²⁵

Nos anos 1960, Koselleck daria continuidade à sua reflexão sobre a natureza e os problemas da modernidade na sua tese de *Habilitation* sobre a história constitucional e administrativa da Prússia entre 1791 e 1848, orientada por Conze. Publicada em 1967, *A Prússia entre reforma e revolução* é fruto de uma investigação cuidadosa em que a abordagem hermenêutica das fontes da época é complementada com análises de corte estrutural e estatístico, para produzir uma história que abarca não só conceitos políticos, mas também a interface entre intelectuais, instituições e atores sociais na Prússia da primeira metade do século XIX.²⁶

Logo após publicar este livro, Koselleck se volta para um novo projeto, desta vez um grande empreendimento editorial coletivo que marcaria época na cena historiográfica alemã da segunda metade do século XX. Em 1967, publica no *Arquivo para a história dos conceitos* um artigo, redigido quatro anos antes, detalhando as linhas mestras de um “léxico dos conceitos políticos e sociais da modernidade”,²⁷ que em 1972, por ocasião da publicação do seu primeiro volume, seria rebatizado como *Conceitos históricos fundamentais: Léxico histórico da linguagem política e social na Alemanha*.

III.

A fim de adquirir uma compreensão mais ampla do significado do léxico dos conceitos fundamentais para a história da historiografia, deve-se levar em consideração a evolução da história dos conceitos dos seus primórdios até a década de 1970. Esquivar-se de tal tarefa significa desistoricizá-la, reforçando a impressão de que essa disciplina é a expressão de um *fiat* ocorrido na Alemanha após

²⁵ DUARTE, João de Azevedo e Dias. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. *História da Historiografia*, n. 8, p. 70-90, 2012 (cit. p. 81-82); OLSEN, *History in the Plural*, op. cit., p. 46-48.

²⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Preussen zwischen Reform und Revolution*. Allgemeines Landrecht, Verwaltung und soziale Bewegung von 1791 bis 1848. München: DTV, 1989, p. 17.

²⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Richtlinien*, op. cit., p. 81-99.

a catástrofe da Segunda Guerra Mundial. O fato é que a história da história dos conceitos se inicia muito antes.

A despeito de algumas iniciativas no século XVIII e XIX, somente em meados do XX a história dos conceitos iria se emancipar e adquirir o estatuto de disciplina autônoma, compreendendo-se, ao longo da maior parte de sua história, como um instrumento heurístico necessário ao desenvolvimento de uma teoria filosófica. Desde a década de 1960 seu programa só fez se alargar, no sentido seja de uma metaforologia, seja de uma tópica histórica ou uma história dos conceitos científico-naturais. Em nenhum outro campo da historiografia se realizou tão plenamente a concepção pioneira de Ernst Cassirer da história enquanto um ramo da semântica.²⁸ Mas se o conceito é simultaneamente um *fator* e um *indicador*, nem por isso se deve supor que seja capaz de produzir milagres. Como sublinhou Gunter Scholtz, a coisa muitas vezes existe antes do termo que a designa – coisas nem sempre são feitas de palavras. De fato, e como veremos a seguir, a história dos conceitos se coloca como projeto e mesmo como uma incipiente prática disciplinar *antes* do surgimento do conceito “história dos conceitos”. Que a história jamais se esgota na linguagem, é algo que o próprio Koselleck nunca deixou de ressaltar.²⁹

Com seu *Léxico filosófico* (1726), o teólogo luterano Johann Georg Walch foi o primeiro a insistir que o caráter “histórico” dos conceitos deveria ser estudado à parte do seu caráter “dogmático”, de modo a esclarecer os conceitos filosóficos. O esforço de explicação e definição não poderia ser dissociado de uma “narrativa histórica” dos conceitos e controvérsias filosóficas. Em 1774, Johann Georg Heinrich Feder (professor de filosofia em Göttingen), defendia que, para a preparação de um dicionário filosófico, seria imprescindível o estudo histórico daqueles conceitos em torno dos quais se produziam polêmicas. Christoph Gottfried Bardili, em 1788, elaborou um programa de pesquisa dos principais conceitos

²⁸ CASSIRER, Ernst. *Antropología filosófica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 287.

²⁹ SCHOLTZ, Gunter. Begriffsgeschichte als historische Philosophie und philosophische Historie. In: JOAS; VOGT (Hrsg.) *Begriffene Geschichte*, op. cit., p. 273. Para Koselleck, “Geschichte geht nie in Sprache auf”. Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte*, op. cit., p. 88.

filosóficos. Para Bardili também era importante investigar a presença dos termos filosóficos na linguagem cotidiana, na literatura e nas religiões. Helmut Meier identifica um evidente “sotaque histórico-conceitual” percorrendo essas diversas obras.³⁰

Em 1806, é a vez de Wilhelm Traugott Krug, sucessor de Kant em Königsberg, estabelecer seu plano de um *Dicionário histórico-crítico da filosofia* nestes termos: “Seria muito instrutivo caso houvesse um dicionário de todos os conceitos e proposições (*Sätzen*) filosóficas, que os colocasse em ordem alfabética e indicasse suas origens, evolução, transformações, contestações e defesas, deturpações e retificações, com indicação de fontes, autor e das épocas até o momento atual”.³¹ Em seu *Do conceito da história da filosofia* (1815), Christian August Brandis chega ao ponto de conceber a história da filosofia como a história dos conceitos filosóficos.

Não obstante todas essas declarações de boas intenções, na primeira metade do XIX a história dos conceitos se limitou a poucas iniciativas isoladas, não chegando a conhecer nenhum empreendimento sistemático. Em 1870, enfim, Friedrich Adolf Trendelenburg – autor cujas marcas se fizeram sentir no pensamento de Dilthey – escreveu uma história do conceito filosófico de “pessoa”. Com isso, Trendelenburg pretendia entender por que o conceito de *persona*, que para os antigos evocava uma máscara, mera aparência, assumirá mais tarde, com e a partir de Kant, o sentido daquela instância que expressa a essência moral do homem.³²

O impulso decisivo só vem em 1872 com Rudolf Eucken, que ambiciona editar um léxico histórico da terminologia filosófica. Seguindo de perto as concepções de Trendelenburg, Eucken entende que a história dos conceitos não deve ser uma coleção de curiosidades, mas revelar “a história interna de cada termo específico”. Somente a pesquisa histórico-conceitual estará em condições de decidir se um determinado termo filosófico deve sua origem a um ato criador

³⁰ Esta seção se baseia amplamente em MEIER, Helmut. Begriffsgeschichte. In: RITTER, Joachim (Hrsg.) *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (vol. 1). Basel: Schwabe, 1971, cols. 788–808.

³¹ *Apud* MEIER, Begriffsgeschichte, op. cit., col. 792.

³² Publicado postumamente: TRENDELENBURG, Friedrich Adolf. Zur Geschichte des Wortes Person. *Kant Studien*, v. 13, p. 1–17, 1908 (cit. p. 3–4).

individual ou a um anônimo trabalho de elaboração coletiva. Ela permitiria avaliar em que medida a linguagem técnica dos filósofos e a linguagem do mundo da vida são mutuamente permeáveis. Eucken percebe também a grande importância de se articular dinâmica histórica e dinâmica conceitual: “toda grande transformação da vida histórica faz com que conceitos e termos de círculos limitados se tornem os da coletividade”.³³ A história dos termos e conceitos filosóficos espelha, assim, o movimento da história humana.

Para os argumentos de Eucken, tão ou mais importante que a de Trendelenburg foi a influência de Gustav Teichmüller, autor de *Estudos para a história dos conceitos* (1874) e dos *Novos estudos para a história dos conceitos* (1876–1879). Teichmüller via na *Geschichte der Begriffe* a pré-condição para o progresso da filosofia, na medida em que seria capaz de revelar os caminhos por meio dos quais um dado conceito ascende à condição de “conceito fundamental”. Para esse fim, a história conceitual deveria levar em conta não apenas o estudo dos estados de consciência individuais daquelas pessoas que formulam os conceitos, mas também as “condições sociais, da atmosfera religiosa e política” em que isso acontece. Teichmüller concebia a história conceitual como uma *tópica cronológica*. Depois de lecionar na Universidade de Basileia entre 1868 e 1879, decide retornar à Alemanha. Os principais aspirantes a sua sucessão são ninguém menos que Nietzsche e Eucken, sendo este (um ex-aluno de Teichmüller) o escolhido.

O fracasso de Nietzsche significou, curiosamente, a continuidade do desenvolvimento da história dos conceitos a partir de seu berço suíço. De fato, na virada para o século XX, diversos estudos histórico-conceituais viriam atestar a influência do programa estabelecido por Eucken. Sua *História e crítica dos conceitos fundamentais da atualidade* (1878) passa a se chamar, na segunda edição (1893), *Os conceitos fundamentais do presente* e se estrutura a partir de uma série de pares antitéticos: subjetivo/objetivo; *a priori/a posteriori*; monismo/dualismo; orgânico/mecânico; teórico/prático; imanência/transcendência, etc.

³³ Apud MEIER, *Begriffesgeschichte*, op. cit, col. 795.

Na introdução de seu livro, Eucken diz que os conceitos “não são filhos do momento, mas se enraízam no passado”. Não se pode falar em história do conceito enquanto um de seus elementos centrais se mantém constante na diacronia. A tarefa da história do conceito estaria em identificar quais seriam esses elementos centrais invariantes. Mas Eucken reconhece a historicidade dos conceitos e, portanto, a necessidade de adequá-los ao tempo presente, a essa “era dos jornais diários e de máquinas”. Insistindo num ponto que será igualmente sublinhado pela geração seguinte de historiadores dos conceitos, ele percebe com clareza a indissociabilidade entre experiência histórica e vocabulário filosófico: “uma intangível quantidade de novas experiências implodiu, junto com as antigas formas, os antigos conceitos”. Assim, “não surpreende que hoje se negocie e discuta tanto por causa de conceitos!”³⁴ É importante observar que Eucken fala em *Geschichte des Begriffes* e em *Begriffsforschung*.

Em 1899, surge o *Dicionário de conceitos filosóficos*, do filósofo austríaco Rudolf Eisler. Em sua segunda edição se lê que “o objeto deste dicionário é a história, baseada nos escritos dos filósofos, dos conceitos e expressões filosóficas”. Seu objetivo expresso era “dar a conhecer esta mudança no sentido dos conceitos e expressões, esta alteração de quantidade, qualidade, valor e conteúdo conceitual”. Para Eisler, seu dicionário “de forma alguma pretende ser ou substituir uma história da filosofia”, mas apenas “completá-la”.³⁵ Apesar de toda essa aparente sofisticação, posteriormente se criticou essa obra por se concentrar principalmente em definições e na tentativa de solucionar problemas filosóficos, ficando o trabalho especificamente histórico-conceitual praticamente obliterado.

IV.

Na transição entre essa titubeante primeira geração de trabalhos em história dos conceitos e a que tomaria forma depois da Segunda

³⁴ EUCKEN, Rudolf. *Die Grundbegriffe der Gegenwart*. Historisch und Kritisch Entwickelt. Leipzig: Veit & Comp., 1893, p. 7-12.

³⁵ EISLER, Rudolf. Vorwort. In: *Wörterbuch der philosophischen Begriffe historisch-quellenmässig bearbeitet*. Berlin: Ernst Siegfried Mittler und Sohn, 1904, v. I, p. iii-vii.

Guerra, lugar de destaque cabe a Erich Rothacker. Rothacker iniciara seus estudos de filosofia em Kiel e ainda na graduação percorrera os livros de Karl Lamprecht e Kurt Breysig, os mais controvertidos representantes da história cultural na Alemanha de fins do século XIX. Entre os professores que o marcaram estavam o sociólogo Ferdinand Tönnies, o historiador da arte Carl Neumann e, em especial, o filósofo Max Scheler. Em sua tese de doutoramento, concluída em 1911, Rothacker se dedicou ao pensamento histórico de Lamprecht. Para a tese de *Habilitation*, se transfere para Heidelberg e escreve uma *Introdução às ciências do espírito* que é, em larga medida, uma história da escola histórica alemã. O trabalho não deixa de ser notado por historiadores de prestígio como Georg von Below e Friedrich Meinecke. Em Heidelberg, cidade que viria a se tornar um dos principais centros irradiadores da história dos conceitos em sua acepção atual, Rothacker chega a atuar algum tempo como *Privatdozent*, mas seu caminho à cátedra não parece muito promissor na “aldeia mundial” de Baden.

Em 1926 publica sua *Lógica e sistemática das ciências do espírito*, em que manifesta uma primeira aproximação em relação à antropologia filosófica. Como a obtenção de um cargo universitário não se apresentava ainda como uma possibilidade real, Rothacker vê sua grande oportunidade na intenção anunciada em 1927 pela “Sociedade alemã de apoio à ciência” de editar um grande dicionário filosófico-cultural. Rothacker abraça entusiasticamente a ideia. Ele elabora um projeto no qual esse dicionário deveria se estruturar em torno de conceitos filosófico-culturais fundamentais e de uma concepção autenticamente interdisciplinar, uma vez que “todo o trabalho de esclarecer filosoficamente os conceitos fundamentais não dá em nada caso a filosofia não se mostre capaz de colocar seus conceitos numa relação viva com os conceitos fundamentais das ciências específicas”.³⁶ Em abril de 1927 esse projeto é enviado ao ministério da educação. Para concretizá-lo, Rothacker acreditava ser necessário fundar um instituto de pesquisa nos moldes dos Institutos

³⁶ Citado por STÖWER, Ralph. *Erich Rothacker. Sein Leben und seine Wissenschaft vom Menschen*. Bonn: Bonn University Press, 2012, p. 97.

Kaiser-Wilhelm (atual Sociedade Max Planck). Seu intento era incrementar o contato entre as diferentes disciplinas nas humanidades e, simultaneamente, preparar o léxico em conjunto com uma equipe sob seu comando. Tal empreendimento, acreditava, seria condição necessária para se chegar a uma “ciência do homem” assentada em bases histórico-culturais e antropológicas. Seus planos, entretanto, não sensibilizaram as autoridades educacionais prussianas. Ralph Stöwer acredita que se tenha visto na ideia do léxico e do instituto algo além das possibilidades de um pesquisador que sequer chegara à cátedra ainda.³⁷ Com sua nomeação para a Universidade de Bonn em fins de 1928, Rothacker passa a se dedicar a outros temas, mas o desejo de levar adiante o dicionário permanece vivo.

Ainda que sejam evidentes os sinais de sua aproximação com o regime nacional-socialista, Rothacker não enfrentou maiores problemas para reiniciar sua vida acadêmica após 1945.³⁸ Já nos anos posteriores ao fim da Segunda Guerra, ele percebe que há um clima favorável à retomada do seu antigo projeto. A partir de 1949, tenta viabilizá-lo através da recém-fundada Academia de Ciências de Mainz.³⁹ Em 1955, finalmente funda o prestigioso *Arquivo para a história dos conceitos*, primeiro periódico especializado nessa área. Para Rothacker o dicionário de Eisler se limitava a um amontoado de citações e não oferecia uma “história do conjunto da terminologia relativa à filosofia e às visões de mundo [que fosse] realizada com esmero histórico-filológico”. A nova história dos conceitos deveria aliar o rigor da pesquisa histórica à tradição da história dos problemas (que remontava às pesquisas em história da filosofia de Wilhelm Windelband), abrindo espaço não apenas para a inovação no campo da história das ideias, mas também para uma “aprofundada crítica da

³⁷ STÖWER, *Erich Rothacker*, op. cit., p. 100.

³⁸ Embora tenha declarado num questionário preparado pelas forças de ocupação aliadas, em 1946, que “a política está, dentre as coisas que me interessam, quase no 12º lugar”, sabe-se que na década de 1920 Rothacker se sentia próximo do campo conservador. Não se sentiu atraído pelo famoso círculo intelectual mantido por Alfred Weber e Marianne Weber em Heidelberg, por considerá-lo demasiado liberal e mesmo “impatriótico”. STÖWER, *Erich Rothacker*, op. cit., p. 53, 78.

³⁹ KRANZ, Margarita. Geistige Kontinuität? Rothackers Projekt eines begriffsgeschichtlichen Wörterbuchs von 1927 und dessen Wiederaufnahme 1949. *Forum Interdisziplinäre Begriffsgeschichte*, v. 1, n. 2, p. 46-48, 2012.

razão”. Insiste na importância de se explorar os conceitos filosófico-culturais fundamentais e sonha com algo das dimensões da grande enciclopédia protestante *Religião na história e no presente*. Rothacker toma o exemplo das obras de Troeltsch, Heussi e Meinecke para mostrar que, não obstante sua importância, elas não bastavam para se obter uma visão ampla da história e do significado do conceito de “historicismo”. Em última instância, o *Arquivo* deveria fornecer as bases sobre as quais se erigiria, mais tarde, um grande dicionário de conceitos.⁴⁰

Simultaneamente a esses movimentos de Rothacker, davam-se os primeiros passos para o surgimento do primeiro e mais ambicioso léxico de história dos conceitos do pós-guerra: o *Dicionário histórico da filosofia (Historisches Wörterbuch der Philosophie)*. Em 1957, a editora Schwab, de Basileia, adquire os direitos do dicionário de Eisler com a intenção de fazer uma reedição atualizada. Dois anos depois, o projeto é assumido pelo filósofo Joachim Ritter. Ritter coloca como condição que o trabalho seja realizado em conjunto com alguns de seus alunos na Universidade de Münster. Do grupo inicial fazem parte, além do próprio Ritter: Hermann Lübbe, Odo Marquard, Robert Spaemann, Karlfried Gründer (que assumirá a editoria depois da morte de Ritter), Ludger Oeing-Hanhoff, Heinrich Schepers e Wilhelm Kambartel. Um protocolo de uma das reuniões, realizada em 13 de agosto de 1959, mostra que não se buscava apenas uma atualização, mas uma total reestruturação do antigo dicionário de Eisler. O novo léxico deveria fugir das definições até então existentes, inclusive da influência de quaisquer “doutrinas”, com vistas a produzir “uma história dos conceitos a partir da história lexical”.⁴¹

Entre fins de 1959 e inícios de 1961, ainda durante os trabalhos preparatórios, Ritter e seus alunos tentam trazer Hans-Georg Gadamer (então presidente da “Comissão de Investigações em História dos Conceitos da Sociedade Alemã de Pesquisa”) para o grupo, na

⁴⁰ ROTHACKER, Erich. Geleitwort. *Archiv für Begriffsgeschichte*, v. 1, p. 5-9, 1955.

⁴¹ Citado por TINNER, Walter. Das Unternehmen ‘Historische Wörterbuch der Philosophie’. In: POZZO, Ricardo; SGARBI, Marco (Hrsg.) *Eine Typologie der Formen der Begriffsgeschichte*. Hamburg: Meiner, 2010, p. 10.

condição de editor-chefe ao lado do próprio Ritter. As negociações fracassam diante do volume dos honorários pedidos por Gadamer e de sua demanda de que os direitos do dicionário fossem passados aos editores-chefes, e não à editora Schwab.⁴² Fato é que ao longo das décadas de 1950 e 1960 ocorre uma evidente pluralização de conceitos a respeito da história dos conceitos. Em 1965, no seu conhecido estudo sobre a história do conceito de secularização, Hermann Lübbe defende a história dos conceitos como uma história do uso das palavras (*Wortgebrauchschichte*), vendo nela um instrumento poderoso no sentido de lançar luz sobre aquelas crises recorrentes na história da filosofia e das ciências humanas, situações “caóticas” no uso de determinados conceitos. Ela serviria, portanto, como instância de controle e de antídoto em épocas de anomia conceitual.⁴³

Concluído em 2007, o *Dicionário histórico da filosofia* abarca o universo de 3.670 conceitos. Para tanto, foi mobilizado um exército de 1.500 autores (inclusive um presidente da República: Roman Herzog), a um custo final estimado em quinze milhões de euros. Ante os outros grandes projetos similares, como o *Léxico dos conceitos político-sociais na França* e os *Conceitos históricos fundamentais*, a marca distintiva do *Dicionário histórico da filosofia* – sua força, mas possivelmente, também, sua fraqueza – radica na não subordinação a uma tese constitutiva central ou a uma concepção unitária de história dos conceitos.⁴⁴

V.

Esta breve exposição sobre a história da história dos conceitos na Alemanha e países de língua alemã não poderia ser concluída sem que enfrentássemos uma questão polêmica, mas da qual não estamos no direito de nos esquivar. O momento decisivo de aproximação

⁴² TINNER, Das Unternehmen, op. cit., p. 10–11.

⁴³ LÜBBE, Hermann. *Säkularisierung*. Geschichte eines ideenpolitischen Begriffs. Freiburg: Karl Alber, 2003.

⁴⁴ RITTER, Joachim. Leitgedanken und Grundsätze des Historischen Wörterbuchs der Philosophie. *Archiv für Begriffsgeschichte*, v. 11, p. 75–80, 1967. Um bom exemplo das vantagens e desvantagens da ausência deliberada de uma tese “forte” subjacente ao dicionário de Ritter é o verbete escrito por SCHOLTZ, Gunter. *Geschichte, Historie*. In: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, vol. 3. Basel: Schwab, 1974, cols. 344–398.

entre ciência histórica e história dos conceitos ocorreu, segundo Koselleck, ao longo da década de 1930, confundindo-se com os nomes de Rothacker na filosofia, de Brunner na história, de Carl Schmitt na ciência do direito e de Jost Trier na linguística.⁴⁵ Significa dizer: entre os principais inspiradores da virada teórico-metodológica vivida por essa disciplina, não poucos estavam próximos do espectro mais conservador da política alemã do período entreguerras, quando não do nacional-socialismo.⁴⁶ Nas derradeiras páginas de sua *Filosofia da História* (1934), Rothacker chega a evocar passagens de discursos de Hitler com menções à “mentalidade heroica da raça nórdica” e insiste na “necessidade de apoiar energicamente todas as medidas eugênicas” levadas a cabo pelas autoridades.⁴⁷ Antecipando um argumento que seria empregado por Brunner cinco anos mais tarde em *Terra e dominação*, Rothacker afirma que diante da vitória da “revolução nacional-socialista [...] os conceitos fundamentais têm de encontrar a sua confirmação nos acontecimentos recentes tanto quanto nos pretéritos”.⁴⁸ O próprio Koselleck, numa carta enviada a Carl Schmitt em 18 de fevereiro de 1961, comenta as razões pelas quais “a irrupção revolucionária de 1933 se perdeu”.⁴⁹

⁴⁵ KOSELLECK, Reinhard. Sozialgeschichte und Begriffsgeschichte. In: SCHIEDER, Wolfgang; SELLIN, Volker (Hrsg.) *Sozialgeschichte in Deutschland*, vol. I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986, p. 91.

⁴⁶ Da vasta literatura sobre Schmitt, cf. a excelente biografia escrita por MEHRING, Reinhard. *Carl Schmitt. Aufstieg und Fall*. München: C. H. Beck, 2009. Sobre as relações de Trier, Rothacker e Brunner com o nacional-socialismo, ver os estudos de HUTTON, Christopher. *Linguistics and the Third Reich*. London: Routledge, 1999, p. 86-105; BÖHNIGK, Volker. Haltung, Stil, Typus, Kultur. Rothackers begriffsgeschichtlicher Entwurf einer nationalsozialistischer Kulturtheorie. *Forum Interdisziplinäre Begriffsgeschichte*, v. 1, n. 2, p. 70-82, 2012; MELTON, James van Horn. Otto Brunner e as origens ideológicas da Begriffsgeschichte. In: JASMIN, FERES JR. (Orgs.) *História dos conceitos*, op. cit., p. 55-69; ALGAZI, Gadi. Otto Brunner. Konkreter Ordnung und Sprache der Zeit. In: SCHÖTTLER, Peter (Hrsg.) *Geschichte als Legitimationswissenschaft, 1918-1945*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998, p. 166-203.

⁴⁷ ROTHACKER, Erich. *Geschichtsphilosophie*. München: Oldenbourg, 1936, p. 147-148.

⁴⁸ ROTHACKER, *Geschichtsphilosophie*, op. cit., p. 145.

⁴⁹ “[...] warum der revolutionäre Aufbruch von 1933 verspielt wurde”. Citado por MEHRING. *Begriffsgeschichte mit Carl Schmitt*, op. cit., p. 151. Se levarmos em conta que o uso de determinados conceitos permite, no interior de um dado campo semântico, imediatamente identificar e “localizar” um determinado interlocutor no espectro político, pode-se imaginar o que significa, sobretudo num país como a Alemanha do pós-guerra, referir-se a 1933 como uma “revolução”.

Essa associação entre história dos conceitos e a chamada “Revolução conservadora” da República de Weimar e a sua continuação sob o nacional-socialismo terá contribuído para o grau de reconhecimento relativamente modesto de que gozou o projeto do léxico no meio historiográfico alemão entre as décadas de 1970 e 1990? Em seu balanço da historiografia do século XX, o papa da história social da Escola de Bielefeld, Hans-Ulrich Wehler, procurou inflacionar a influência de Brunner (a quem se refere como “o historiador nazista mais influente até hoje”) sobre o Grupo de Trabalho em História Social Moderna e sobre os *Geschichtliche Grundbegriffe*, falando ainda em “contaminação” do léxico pelo pensamento de Schmitt.⁵⁰

É rigorosamente irrelevante para a história da historiografia, assim como para a história das ciências em geral, a tentativa de valorar a contribuição dos pais fundadores da moderna história dos conceitos a partir de critérios extracientíficos; mesmo porque os inspiradores da Escola de Bielefeld (Theodor Schieder e Hans Rothfels) tinham igualmente pertencido ao campo conservador. Não é incomum, na história das ciências humanas, que justamente de autores politicamente conservadores possam advir grandes avanços, enquanto aqueles situados no campo liberal ou progressista se mantêm, muitas vezes, firmes na sacralização da tradição. Os nomes de Otto Brunner, de um lado, e de Gerhard Ritter, de outro, ilustram esse “paradoxo” à perfeição.⁵¹

A pergunta que se deve colocar – *sine ira et studio* – é de outra natureza: por que a (re)descoberta da linguagem enquanto potência histórico-social foi originalmente realizada por acadêmicos

⁵⁰ WEHLER, Hans-Ulrich. *Historisches Denken am Ende des 20. Jahrhunderts*. Göttingen: Wallstein, 2002, p. 48-49. Sobre as tensões entre a história social de Bielefeld e a história dos conceitos, cf. DIPPER, Die ‘Geschichtliche Grundbegriffe’, op. cit., p. 304-305.

⁵¹ Para Koselleck, Brunner é um bom exemplo de como “interesses cognitivos politicamente condicionados podem conduzir a novas ideias teóricas e metodológicas, as quais sobrevivem a seu contexto de origem”. KOSELLECK, *Sozialgeschichte und Begriffsgeschichte*, op. cit., p. 109. Gerhard Ritter foi um dos poucos historiadores alemães de prestígio que se opôs resolutamente ao nazismo. No âmbito da disciplina, contudo, se opôs de forma igualmente decidida à recepção da Escola dos Annales na Alemanha, tendo ainda criado dificuldades ao estabelecimento da história social na década de 1950. Cf. SCHULZE, *Deutsche Geschichtswissenschaft nach 1945*, p. 285-289.

do campo conservador? A questão está longe de ser simples, mas deve-se sublinhar aqui ao menos um aspecto importante. Uma das dimensões da vida social sobre a qual o nacional-socialismo atuou de forma programada, e em proporções desconhecidas até então, foi precisamente a esfera da linguagem. Um precioso testemunho de Ernst Cassirer nos dá uma pálida ideia do que isso representou na prática. De seu exílio norte-americano, ele escreve: “Atualmente, se alguma vez acontece que eu tenha de ler um livro alemão publicado nestes últimos dez anos [...], descubro com grande surpresa que já não entendo o idioma alemão. Cunharam-se palavras novas, e as antigas são empregadas com um sentido novo; sofreram uma mudança profunda de significado”. Cassirer afirma que “aquelas palavras que antes eram usadas num sentido descritivo, lógico ou semântico, se empregam agora como palavras mágicas, destinadas a produzir determinados efeitos e a estimular determinadas emoções”.⁵²

Em um de seus mais importantes ensaios, Koselleck postula que transformações “no meio social ou político se correlacionam com inovações metodológicas”, transformações essas que não raro são experimentadas de forma relativamente homogênea no interior de “unidades geracionais” específicas.⁵³ Tal conexão ilumina bastante bem o nosso problema. Pois não resta dúvida de que a gradativa tematização da linguagem enquanto potência histórico-social, embora já se manifestasse nos trabalhos de diversos autores ligados à “Revolução conservadora”, ganha impulso decisivo com o advento do nacional-socialismo e suas iniciativas mais ou menos sistemáticas de criar um vocabulário próprio. É compreensível que, nessas condições, a linguagem se tornasse um dos mais privilegiados campos de análise histórico-social para a geração de pesquisadores e intelectuais que viveu a ascensão e queda do nazismo. Sinal evidente disso é que tal movimento se estendeu inclusive aos críticos do regime nacional-socialista, entre

⁵² CASSIRER, Ernst. *El mito del Estado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 335.

⁵³ KOSELLECK, Reinhart. Erfahrungswandel und Methodenwechsel. Eine historisch-anthropologische Skizze. In: *Zeitsdichten*. Studien zur Historik, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000, p. 32-35.

eles, os pioneiros da chamada crítica da linguagem (*Sprachkritik*): Victor Klemperer, Dolf Stenberger, Eugen Seidel e Ingeborg Seidel-Slotty, e cujas obras, por razões óbvias, só puderam ser publicadas depois de 1945.⁵⁴

★ ★ ★

Os leitores de Koselleck sabem que para ele a história – nos dois sentidos do termo – se constrói numa dialética infinita de crise e continuidade. Aplicado à história da história dos conceitos, esse princípio se deixa traduzir pela máxima *Zukunft braucht Herkunft*. Em que pese o uso de uma retórica anti-historicista em um ou outro de seus textos da década de 1960, Koselleck parece ter evoluído, em sua fase mais madura, para uma posição francamente conciliatória a esse respeito. Ele reivindicará para o léxico dos conceitos as rubricas de “historicismo sólido” e “historicismo reflexivo”.⁵⁵ Dono de uma perspicácia e de uma sensibilidade que ainda hoje nos surpreendem, Sérgio Buarque de Holanda foi, provavelmente, um dos primeiros a se dar conta disso. Nos últimos parágrafos de seu grande ensaio sobre Leopold von Ranke, publicado em 1974 na *Revista de História*, ele comenta o aparecimento dos dois primeiros volumes dos *Geschichtliche Grundbegriffe* e conclui que a “notável vitalidade” ali manifestada era “uma demonstração de como se pode remover, sem traí-lo, o espírito da ‘escola’ histórica alemã”.⁵⁶

⁵⁴ KLEMPERER, Victor. *LTI - A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009; STERNBERGER, Dolf; STORZ, Gerhard; SÜSKIND, Wilhelm. *Aus dem Wörterbuch des Unmenschens*. Hamburg: Claassen, 1957; SEIDEL, Eugen; SEIDEL-SLOTTY, Ingeborg. *Sprachwandel im Dritten Reich: eine kritische Untersuchung faschistischer Einflüsse*. Halle: Verlag Sprache und Literatur, 1961.

⁵⁵ “Wir befeissigen uns eines soliden Historismus”, “reflektierten Historismus”. Citado por DIPPER, Die ‘Geschichtliche Grundbegriffe’, op. cit., p. 290.

⁵⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O atual e o inatual e Leopold von Ranke. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.) *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979, p. 60.

Coleção
HISTÓRIA & HISTORIOGRAFIA

Coordenação
Eliana de Freitas Dutra

Reinhart Koselleck
Christian Meier
Horst Günther
Odilo Engels

O conceito de História

Tradução
René E. Gertz

Revisão técnica
Sérgio da Mata

autêntica

© 1975 Klett-Cotta - J.G Cotta'sche Buchhandlung
Nachfolger GmbH, Stuttgart
Copyright © 2013 Autêntica Editora

COORDENADORA DA COLEÇÃO HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Eliana de Freitas Dutra

TÍTULO ORIGINAL

Geschichte, Historie

TRADUÇÃO

René E. Gertz

REVISÃO TÉCNICA E DE TRADUÇÃO

Sérgio da Mata

CAPA

Teco de Souza

(Sobre imagem de Chaosdna)

DIAGRAMAÇÃO

Conrado Esteves

REVISÃO

Dila Bragança de Mendonça

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,
seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários
30140-071 . Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.autenticaeditora.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional
Horsa I . 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O conceito de História / Reinhart Koselleck...[et al.] ; tradução René E. Gertz. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013. -- (Coleção História e Historiografia, 10)

Outros autores: Christian Meier, Horst Günther, Odilo Engels

Título original: Geschichte, historie.

ISBN 978-85-8217-150-9

1. Conceitos 2. História - Filosofia 3. História - Teoria I. Koselleck, Reinhart. II. Meier, Christian. III. Günther, Horst. IV. Engels, Odilo. V. Série.

13-06383

CDD-901

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Filosofia 901